

## AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail [recursoscontinuos@dirbi.ufu.br](mailto:recursoscontinuos@dirbi.ufu.br).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA

FACES DE UMA MESMA MOEDA: CATADORES DE LIXO E TRABALHADORES DA  
FÁBRICA DE RECICLAGEM NA CIDADE DE TUPACIGUARA – MG.

LIDIANE VIANA SILVA.

LIDIANE VIANA SILVA

FACES DE UMA MESMA MOEDA: CATADORES DE LIXO E TRABALHADORES DA  
FÁBRICA DE RECICLAGEM NA CIDADE DE TUPACIGUARA – MG.

Monografia apresentada ao Curso de  
Graduação em História, do Instituto de História  
da Universidade Federal de Uberlândia, como  
exigência do título Bacharel em História, sob a  
orientação do Prof. Dr. Paulo Sérgio da Silva.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Uberlândia, junho de 2011.

FICHA CATALOGRÁFICA

Silva, Lidiane Viana, (1981)

Faces de uma mesma moeda: catadores de lixo e trabalhadores da fábrica de reciclagem na cidade de Tupaciguara - MG.

Lidiane Viana Silva – Uberlândia, 2011.

54 fl

**Orientador: Paulo Sérgio da Silva**

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia

Lixo, Reciclagem, Inclusão/Exclusão.

FACES DE UMA MESMA MOEDA: CATADORES DE LIXO E TRABALHADORES  
DA FÁBRICA DE RECICLAGEM NA CIDADE DE TUPACIGUARA – MG.

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Paulo Sérgio da Silva

---

Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu

---

Prof. Dra. Carla Miucci

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, onde sempre busquei e encontrei forças para continuar essa dura caminhada.

Aos meus pais Iraci e Neuza que são o meu porto seguro, que me deram a vida e que sempre lutaram para me proporcionar o melhor, apoiando-me em toda a minha caminhada.

À minha filha Maria Beatriz que acaba de chegar e é quem me dá forças para seguir em frente.

Agradeço primeiramente a Deus pela dádiva da vida e pelo dom a mim confiado.

Aos meus pais Iraci e Neuza, pelo amor, dedicação e por sempre me ensinarem os verdadeiros valores que um ser humano deve possuir, e, principalmente, por acreditarem em mim.

À minha irmã Susiane e minha sobrinha Jully Anne pelo apoio e compreensão.

Aos meus colegas e amigos de sala, em especial Maria Betânia, Adriana, Isaac, Rogério e Aloísio, pois muito aprendemos juntos durante essa longa caminhada.

A todos os professores pela dedicação, em especial ao meu professor e orientador Paulo Sérgio da Silva que sempre teve muita paciência e disposição para me ajudar, compartilhando não apenas conhecimento, mas também experiência de vida, pois em várias situações fez papel não só de educador, mas também de amigo.

A todos os catadores de lixo e trabalhadores da fábrica de reciclagem que contribuíram muito para que esse trabalho fosse desenvolvido, disponibilizando o pouco tempo que têm para descanso dando entrevistas e mostrando em seus relatos lições de vida.

Enfim, a todos que contribuíram.

“Contar uma estória é tomar as armas contra a ameaça do tempo, resistir ao tempo ou controlar o tempo. O contar uma estória preserva o narrador do esquecimento; a estória constrói a identidade do narrador e o legado que ela ou ele deixa para o futuro”.

(Alessandro Portelli)



## **Resumo**

Este trabalho aborda a experiência de catadores e trabalhadores de reciclagem, que vivem na cidade de Tupaciguara. A pesquisa concentrou-se em depoimentos orais, fotografias e mapas da cidade de Tupaciguara, que contribuíram no processo de formação da cidade por sujeitos sociais.

A primeira parte destaca várias características que compõem o modo de vida dos catadores, como a informalidade, inclusão/exclusão e o trabalho de reciclagem como modo de sobrevivência.

Na segunda, apresento o universo dos catadores na cidade de Tupaciguara, onde descrevo a cidade e o cotidiano desses trabalhadores, catadores de reciclagem que ajudam a construir as múltiplas histórias dessa cidade. Já na terceira parte, aborda a fábrica de reciclagem, com dados sobre a implantação, o início dos trabalhos na cidade de Tupaciguara e o cotidiano desses trabalhadores.

**Palavras-chaves:** Cidade; Lixo; Reciclagem; Inclusão/Exclusão.

## SUMÁRIO

RESUMO .....	07
INTRODUÇÃO.....	09
CAPITULO I: UMA TEMÁTICA: MÚLTIPLOS OLHARES E PERSONAGENS.....	13
CAPÍTULO II: O UNIVERSO DOS CATADORES: FACE I.....	17
2.1- UMA CIDADE, MÚLTIPLAS HISTÓRIAS .....	17
CAPÍTULO III: A FÁBRICA DE RECICLAGEM: FACE II.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
FONTES.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53

## INTRODUÇÃO

Atualmente, podemos perceber as várias maneiras de trabalhar e ganhar a vida, nos mais diversos espaços que compõem as cidades. Tupaciguara não é diferente, assim como os demais centros urbanos do país, instituem-se, ali, padrões de permanência, elegem-se os aptos a viverem nela e tenta-se afastar os excedentes, que precisam partir ou adequar as suas atitudes perante as concepções de limpeza, de mudança, de presente e de futuro que surgem de maneira tensa na sociedade.

Por serem frutos de relações sociais, as histórias dessas mudanças advêm de fatores distintos em períodos diversos. Este trabalho teve o propósito de captar os sentimentos e as necessidades que compõem o cotidiano dos trabalhadores que vivem da reciclagem na cidade de Tupaciguara e que buscam com o seu trabalho dignidade e pertencimento.

Lutas por direitos vão além das questões de classe e da busca da possibilidade de informar-se, instruir-se ou expressar-se a partir de lugares sociais reconhecidos e implicitamente postulados como fixos ou de compartilhar um conjunto bem delimitado de direitos.<sup>1</sup>

Neste sentido, podemos perceber a luta desses trabalhadores assim como de demais segmentos sociais que buscam moldar os espaços às suas necessidades. A cidade aparece como um local privilegiado para entender as novas dinâmicas das relações entre capital e trabalho<sup>2</sup>. Tomando como contexto às dificuldades de emprego em Tupaciguara, o crescimento da lida com a reciclagem, devido à preocupação com o meio ambiente e principalmente a necessidade de encontrar uma forma de sobrevivência, busco compreender os significados dessas transformações nas relações e como o meio urbano, com suas especialidades propicia tais mudanças, a partir de categorias de análise das relações capital/trabalho e valores culturais.

---

<sup>1</sup> - ARANTES, A. A. Desigualdade e diferença: cultura e cidadania em tempos de globalização. *Paisagens paulistanas*. São Paulo, Campinas: Imprensa Oficial, Unicamp, 2000, p.131-163.

<sup>2</sup> - MEDEIROS, E. A. *Trabalhadores e viveres urbanos: trajetórias e disputas na formação da cidade - Uberlândia 1970-2001*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, 2002.

Ao procurar a compreensão de como o meio urbano favorece tais transformações, este trabalho leva em consideração as experiências diversas de um conjunto de trabalhadores próprios da cidade, onde:

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro desse termo não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura...<sup>3</sup>.

Em meados dos anos 80, grande parte dos historiadores brasileiros, sobretudo aqueles dedicados à história social, adotam, em ritmos e graus variados, a bibliografia de autores identificados com a história cultural. Alguns trabalhos, de E. P. Thompson<sup>4</sup> e de Carlos Ginzburg<sup>5</sup> contribuíram para o sucesso da abordagem histórico-antropológica: o primeiro ressaltou a importância das tradições culturais no processo de formação das classes sociais; o segundo sugeriu o conceito de circularidade cultural e demonstrou, em um estudo de caso, que as idéias não são produzidas apenas pelas classes dominantes e impostas, sem mediações, de cima para baixo.

Nesse sentido tais autores contribuem para se pensar, que tipo de história está sendo construída por esses trabalhadores, e é dessa forma, com esse olhar que a história desses sujeitos ganham o cenário e deixam de ser ocultas. Tais perspectivas abrem o campo de visão ao historiador levando-o a perceber a história de vários ângulos, inclusive no âmbito do cotidiano, no qual todas as classes sociais são capazes de produzir idéias.

As análises em história cultural negam que as classes dominantes tenham o monopólio da produção de idéias. Os trabalhadores e as pessoas comuns também elaboram suas próprias idéias, crenças, valores e códigos comportamentais, que, no conjunto, convencionou-se chamar de cultura popular. As mentes das pessoas comuns, assim, deixaram

---

<sup>3</sup> - THOMPSON, E. P. O termo ausente: experiência. *A miséria da teoria ou planetário de erros: crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.p.182.

<sup>4</sup> - THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

<sup>5</sup> - GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

de ser concebidas como uma folha de papel em branco em que as classes dominantes escreviam o que bem entendessem.<sup>6</sup>

Assim, nas propostas sugeridas pelos historiadores da cultura, os trabalhadores não são definidos por sua passividade ou incapacidade de refletir sobre sua própria realidade social, e sim como personagens que vivem experiências políticas, econômicas e culturais e a, partir de um leque de alternativas disponíveis, escolheram suas estratégias, manifestaram atitudes e comportamentos e construíram sua identidade. Se tais escolhas e estratégias não foram reais ou verdadeiras, elas não podem ser subestimadas ou desconsideradas. Até mesmo porque, dizia-nos Marc Bloch, não cabe ao historiador julgar, mas, sem perder a capacidade de crítica, compreender.<sup>7</sup>

Nesse sentido, esses autores contribuem para a compreensão do cotidiano dos trabalhadores que sobrevivem da reciclagem em Tupaciguara, ao estimularem a nossa análise de suas escolhas e estratégias, tentando perceber os fatos que os levaram a fazê-las, os motivos e as necessidades que as compõem, sem descuidar do olhar crítico de historiador, mas buscando absorver a essência destes comportamentos. Lidar com a memória desses sujeitos é entender que todas as pessoas têm direito à história e que eles apresentam identidades, que vão sendo modificadas e reafirmadas de acordo com as significações e com a dinâmica dos processos sociais vividos. Os trabalhadores se organizam dentro da cidade, criam meios de sobrevivência diante de processos conflituosos e estão a todo tempo tentando ser dominados e silenciados.

Com essa linha de raciocínio, este trabalho aborda as estratégias de resistência, a disputa pela memória, trazendo para a história sujeitos esquecidos e desvalorizados, não raras vezes relegados a categoria de sujeitos passivos e submissos aos projetos dominantes. Pesquisando na e sobre a cidade que nasci e moro, recordo-me e percebo que ontem e hoje o crescimento e o seu desenvolvimento não estiveram e ou estão imunes a problemas, tais como: falta de moradia, desemprego, miséria, entre outros. Pensando em tudo isso que decidi conhecer melhor a história de pessoas simples que compõem e fazem a cidade de Tupaciguara.

Selecionei os catadores de lixo e trabalhadores de reciclagem, sujeitos reais que vivem, interpretam essas mudanças históricas, no trabalho, no viver, no sonhar e no frustrar dessa cidade. Acomodei a minha pesquisa no campo da História Social, mais precisamente no

---

<sup>6</sup> - BURKE, Peter. *A cultura popular na idade moderna*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

<sup>7</sup> - BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Introdução à história*. Lisboa, Europa-América, 1976.

campo das investigações das “lutas reais dos trabalhadores, seu conteúdo, sua direção”<sup>8</sup>. As narrativas obtidas dos catadores de lixo e dos trabalhadores de reciclagem me fizeram refletir que ao lado da história oficial, existem sujeitos que interpretam processos históricos, forjam alternativas dentro de um sistema político, econômico e cultural.

À medida que a história da civilização se desenvolve como um pacto e destruição é preciso esquecer suas vítimas. Se a memória dos mortos é perturbadora, mais ainda é dessas pequenas testemunhas que nos contam uma história em sentido inverso, a história que nos arrepia.<sup>9</sup>

O primeiro capítulo traz uma abordagem da temática do lixo que ganha o cenário acadêmico em trabalhos por todo o território nacional, mas principalmente nos grandes centros como Porto Alegre, Goiânia e São Paulo. Esse capítulo destaca várias características que compõem o modo de vida dos catadores, como a informalidade, inclusão/exclusão e o trabalho de reciclagem como modo de sobrevivência.

No segundo capítulo, apresento o universo dos catadores na cidade de Tupaciguara, onde faço uma apresentação da cidade e descrevo o cotidiano desses trabalhadores, catadores de reciclagem que ajudam a construir as múltiplas histórias dessa cidade.

Já o terceiro capítulo, apresento a fábrica de reciclagem, com dados sobre a implantação, o início dos trabalhos na cidade de Tupaciguara e o cotidiano desses trabalhadores. Em minhas considerações finais, depois de analisar ambos os processos que tem como ponto de ligação a reciclagem do lixo como forma de trabalho tento perceber e entender a idéia de inclusão/exclusão que para mim é o destaque em torno de toda a temática discutida.

---

<sup>8</sup> FENELON, Déa R. *Trabalho, Cultura e Investigação Social: perspectivas de investigação*. Projeto História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: Brasil, 1981.p.24.

<sup>9</sup> BOSI, Eclea. “As Outras Testemunhas”. In: Dias, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo, no século XIX*. São Paulo, Brasiliense, 1984. p.4.

## CAPITULO I

### **Uma temática: múltiplos olhares e personagens.**

Podemos perceber que a temática “lixo” ampliou-se a partir das décadas de 80 e 90, especialmente a partir do surgimento da coleta seletiva nas médias e grandes cidades do país, assim como a preocupação com a reciclagem, potencializada a partir das discussões e da conscientização sobre a necessidade da proteção ao meio ambiente. É importante frisar que a reciclagem além das indiscutíveis vantagens ambientais, apresenta aspectos econômicos. A catação de materiais recicláveis constitui, para muitos trabalhadores, a única forma de garantir sobrevivência e possibilidade de inclusão no mercado de trabalho.

As pesquisas sobre a reciclagem e os múltiplos personagens que compõem a história do trabalho com o lixo, também crescem e surgem estudos que nos apresentam a reciclagem em vários ângulos, lugares e aspectos. No artigo “catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência”<sup>10</sup> as autoras nos apresentam os trabalhadores de Goiânia, catadores que sobrevivem do lixo urbano, enfrentam a precariedade da forma de trabalho e o preconceito de parte da sociedade.

Segundo Dias (2002), além da precariedade de trabalho, do preconceito e da exclusão, o trabalho com o lixo é uma tentativa de estar incluído no mercado de trabalho seja ele formal ou informal. Cabe lembrar que o trabalho formal é aquele em que o trabalhador conta com benefícios e carteira assinada, assegurando-se o gozo de todos os direitos trabalhistas. Já o trabalho informal é o sem vínculos empregatícios em que o empregado não tem as garantias legais e renda fixa.

No Brasil o trabalho informal ampliou-se durante a década de 90, quando as empresas começaram a optar por mão-de-obra qualificada e frente as crises econômica, se viram obrigadas a reduzir o valor de suas mercadorias e conseqüentemente o quadro de funcionários, obrigando-os a buscar novas formas de conseguir renda para sobreviver.

No decorrer das transformações econômicas e sociais recentes vimos trabalhadores serem trocados por máquinas aumentando assim o nível de desemprego. Muitos deles buscando uma forma de solucionar essa situação de desemprego tornaram-se trabalhadores da

---

<sup>10</sup> MEDEIROS, Luiza Ferreira Rezende de; MACÊDO, Kátia Barbosa. *Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência?* 2006 – Porto Alegre. Universidade Católica de Goiás.

rua (camelôs, catadores de materiais recicláveis, entre outros), sem nenhuma garantia ou benefícios como carteira assinada, férias, horas extras, décimo terceiro, licença maternidade, FGTS entre outros, ainda que de forma precária encontraram um meio de sustentar suas famílias e manter o padrão de vida.

Aqueles que tornam-se catadores de recicláveis vêm-se diante do preconceito e da exclusão, tradicionalmente vinculada a tal atividade. Aspectos que aparecem em artigos, teses, livros e também nas conversas com catadores da cidade de Tupaciguara, nas palavras de Maria de Lourdes, “...eles não trata a gente muito bem não... à gente fica mais excluído pelos canto... é eles abusa da gente... eles faiz um discaso de nós.”<sup>11</sup>

A exclusão é um ponto marcante percebido na fala da catadora Maria de Lourdes, que atualmente coleta reciclável junto com outros sujeitos no lixão. Preferem enfrentar o mau cheiro, os animais e toda a sujeira ao invés de coletar pela cidade, segundo ela ao menos no lixão ninguém maltrata, xinga e reclama deles por estarem revirando o lixo.

Não podemos nos esquecer que a exclusão social não é um fato novo que está ligado ao trabalho do catador de reciclagem, mas sim faz parte do nosso modo capitalista que é estruturalmente excludente. Marx já nos demonstrou isso na metade do século passado. Pensando em exclusão social, temos vários debates contemporâneos como Wanderley (1999) e Freitas (2005), mas é a discussão sobre a dialética exclusão/inclusão de Sawaia (1999) que se destaca por superar a noção de dualidade de excluídos versus incluídos.

Enfim, o que queremos enfatizar ao optar pela expressão dialética exclusão/inclusão é que ambas não constituem categorias em si, cujo significado é dado por qualidades específicas invariantes, contidas em cada um dos termos, mas que se constitui na própria relação. A dinâmica entre elas demonstra a capacidade de uma sociedade existir como sistema.<sup>12</sup>

A exclusão pela inclusão não se trata de uma inadaptação, mas sim adaptação à exclusão social. Pois a exclusão, neste caso, baseia-se no sentimento de pertencimento social, que cria o sentimento de pertencimento, ou seja, a noção de estar incluído, quando de fato,

---

<sup>11</sup> Maria de Lourdes Rômulo Pereira. Catadora. Entrevista realizada em 21/03/2010. Tupaciguara-MG.

<sup>12</sup> SAWAIA, B. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*, 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 1999. p. 108.



embora aparentemente incluído o que se existe de fato é a vivência de uma marginalização social. Segundo a autora:

É no sujeito que se objetivam as varias formas de exclusão, a qual é vivida como motivação, carência, emoção e necessidade do eu... É o individuo que sofre, porém esse sentimento não tem a gênese nele, e sim em intersubjetividades delineadas socialmente.<sup>13</sup>

Sendo assim, podem-se perceber no mundo aparente da inclusão, várias formas sutis de espoliação humana, desigualdade, injustiça e exploração, que se escondem por trás de uma aparente integração social.

Ainda segundo Sawaia (1999), o termo exclusão possui caráter ambíguo, multifacetado e contraditório. Ambíguo porque é indeterminado, indiferente e pode ser compreendido de várias formas; multifacetado por se referir a vários assuntos e situações, e contraditório porque refere se aquilo que pode ser contestado, recusado. E essas características são efeito da própria complexidade do processo sócio-histórico da exclusão/inclusão.

Durante um ano, conversando e buscando catadores que tivessem o perfil adequado a minha pesquisa, visitando o lixão, andando pelas ruas observando as condições que esses profissionais trabalham e os percalços que enfrentam dia a dia, pude perceber que se tratava de pessoas simples que ao serem abordadas, ficavam com vergonha e questionavam como o seu trabalho podia interessar a alguém.

Ao apresentar o estudo ao qual eu me dedicava, muitos se negaram a participar por vergonha de falar para uma pessoa que estava na universidade enquanto ele(a) mal assinava o próprio nome. Porém outras pessoas se sentiram importantes por contribuir com uma pesquisa que iria ser apresentada na universidade e principalmente por apresentarem o seu trabalho que para eles é importante para a sobrevivência da família, mas principalmente por contribuírem com a limpeza da cidade.

Já nos primeiros contatos percebi que além de serem pessoas simples e humildes, tinham pouca escolaridade. A maioria são migrantes que chegaram em Tupaciguara por volta das décadas de 70 e 80 para trabalhar como bóias-frias e devido a redução dessa oferta de

---

<sup>13</sup> SAWAIA, B. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*, 4<sup>a</sup> ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 1999. p. 108.

trabalho na cidade, tiveram que buscar outra maneira de sobrevivência e a catação de material reciclável foi a forma encontrada para se viver com um mínimo de dignidade.

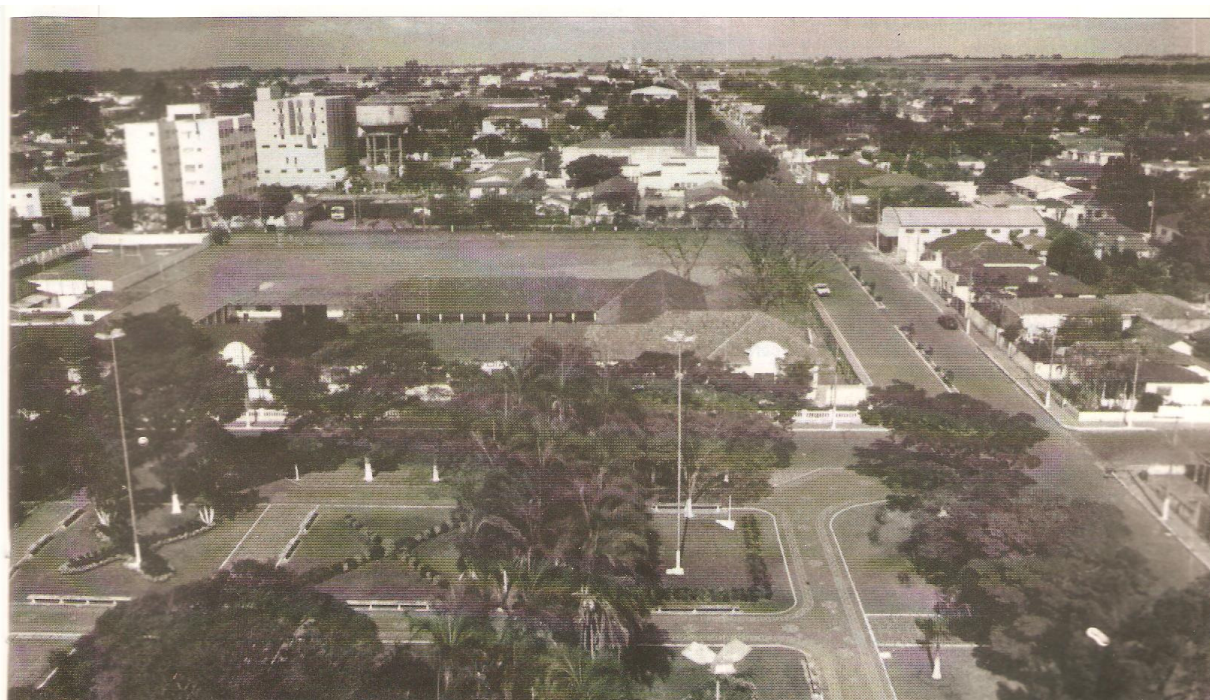
Essa palavra dignidade percebe-se que tem uma grande importância para todos esses trabalhadores, que enchem a boca para dizer que sempre trabalharam. Antes, nas lavouras e agora coletam materiais recicláveis no lixão, nas ruas, nos pontos onde comerciantes doam para eles e que apesar de ser um trabalho árduo, cansativo e precário é de onde tiram o sustento de sua família e isso lhe proporcionam dignidade, orgulho de não depender de favores de ninguém para sobreviver.

## CAPITULO II

### O universo dos catadores: face 1.

#### 2.1- Uma cidade, múltiplas histórias.

A cidade de Tupaciguara fica no Triângulo Mineiro, interior do Estado de Minas Gerais. É uma cidade pequena, que atualmente possui 20.621 habitantes.<sup>14</sup> O município se encontra em localização privilegiada, pois possui rodovias que facilitam o acesso aos grandes centros como Uberlândia, Belo Horizonte, São Paulo e Goiânia. Destaca-se às BR 365 e 452 que são bastante movimentadas e utilizadas para o transporte de grãos do município e região.



Tupaciguara (vista parcial) reúne 21 mil habitantes na sede do município

Figura 1: Vista do Centro de Tupaciguara-MG

Graças aos seus recursos naturais e a malha rodoviária Tupaciguara, a partir da metade da década de 80, atraiu investimentos de indivíduos e de empresas de outros estados, principalmente paulistas, que adquiriram grandes extensões de terras para implantar projetos

---

<sup>14</sup>Informações: IBGE, 17 de março de 2010.

agropecuários e agroindustriais, assim como duas destilarias, uma de aguardente e outra de álcool. Espaços antes ocupados por uma pecuária extensiva passaram a abrigarem plantações de soja, milho, laranja cana-de-açúcar e pastagens para gado de alta linhagem.

A proximidade com o Uberlândia foi tida, por uma longa data, como uma barreira para o desenvolvimento do município tupaciguarense, pois aquela considerada a cidade pólo da região absorvia todos os investimentos vindos de fora. Contudo, em tempos mais recentes, com a elevação do custo de áreas para industriais e mesmo de terras para plantio na vizinha Uberlândia muitas empresas optam por Tupaciguara, onde o comércio se mostra ativo e competitivo, com o suporte de cinco agências bancárias.

A pecuária e a agricultura<sup>15</sup> sustentam o município desde sua criação e são, ainda hoje, as bases econômicas do município. Contudo, observa-se, também, a presença de empresas de pequeno e médio porte em vários ramos, onde podemos destacar a CASEMG<sup>16</sup> criada em 1959, assim como: segmentos de bebidas, cerâmica, álcool e açúcar, laticínios, moagem de café, Indústria de Doces Origem, CALU Cooperativa de Agropecuária, fábrica de reciclagem Vegas Plastic, estruturas metálicas e móveis, entre outras.

Entre as transformações econômicas e sociais que atingiram o município nas últimas décadas do século XX, destaca-se, em 1978, o fechamento da Represa Hidrelétrica de Furnas com a desapropriação de grandes áreas de terras<sup>17</sup>. Em virtude da inundação, várias pessoas tiveram que sair de suas propriedades e mesmo recebendo indenização do governo pelas fazendas abandonadas, foram poucas as que conseguiram e quiseram comprar terras novamente, a maioria foi para a cidade.

Tais fatos influenciaram muito na estrutura da cidade, principalmente o alagamento gerado usina hidrelétrica, o qual além da perda de terras férteis de grandes propriedades rurais levou muitas pessoas de volta para a cidade. Além do mais, ocasionou a desativação de uma ponte que ligava Minas Gerais ao Estado de Goiás, prejudicando as pessoas que dependiam dessas propriedades para trabalhar e dificultando a produção e escoamento da produção nas terras que escaparam da inundação.

As tecnologias investidas no campo também são responsáveis por partes dessas transformações, pois elas causaram a mudança de vários trabalhadores rurais para a cidade, sendo que alguns deles continuaram a ser bóias-frias e outros tiveram que buscar novas formas de trabalho.

---

<sup>15</sup> Dados fornecidos pela Emater, outubro de 2009.

<sup>16</sup> Local onde se beneficia e armazena grãos produzidos na cidade de Tupaciguara. Filme: Tupaciguara - Anos 60

<sup>17</sup> Lista SABE Tupaciguara 2010.

Ao analisarmos o mapa da cidade de Tupaciguara percebe-se que o seu crescimento é bem acentuado no sentido da BR 452 direção saída para Uberlândia, onde a maioria das famílias vindas do campo procuraram e buscam ainda uma possibilidade de viverem com dignidade, vivendo em bairros periféricos elas lutam pelo direito a cidade.

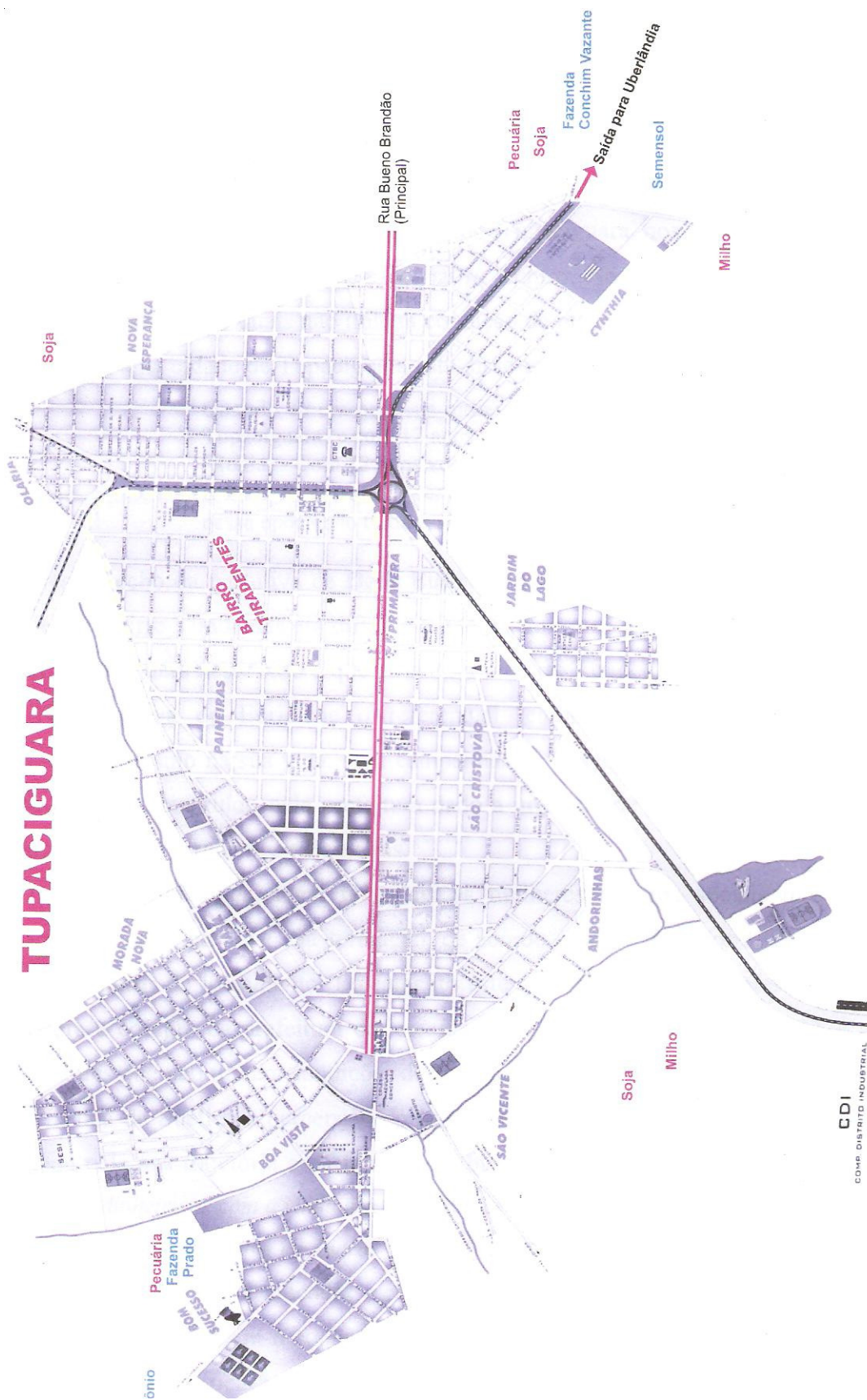


Figura 2: Mapa de Tupaciguara-MG

A busca por trabalho e moradia faz parte do processo de modernização das nossas cidades, causando elevados custos sociais como desterritorialização, deslocamento forçado de mão-de-obra e violência de todos os tipos contra as camadas populares. A cidade pode ser vista como lugar de cultura, de memória, de trabalho, de modos de vida, mas acima de tudo como um lugar de conflitos pela ocupação de território. Nesta cidade plural é possível reconstituir hábitos e práticas cotidianas desses catadores. Assim, como também os conflitos existentes no cotidiano destes profissionais do lixo, como a exclusão e o desrespeito.

Em Tupaciguara a preocupação ambiental ganhou força a partir de 2000<sup>18</sup>, projetos de reciclagem foram apresentados pelas escolas à administração municipal, iniciando um movimento que culminou na instalação da fábrica de reciclagem na cidade em 2004.

Nos primeiros contatos, e ao realizar as entrevistas com os meus depoentes (catadores e trabalhadores da Usina de Reciclagem) identifiquei que a maioria mora em bairros periféricos da cidade. O grau de escolaridade é pequeno, boa parte deles não tem sequer a 4ª série do ensino fundamental, pois quase todos moraram ou trabalharam na roça desde criança e não tiveram a oportunidade de estudar, nas palavras de Antônio Frutuoso, 67 anos, que concluiu apenas a 2ª série do ensino fundamental: *“Eu fui nascido e criado trabaiano na roça,...”*<sup>19</sup>

O fato de ter sido criado na roça, trabalhando ou de ter trabalhado no campo como bóia-fria, é uma característica que favorece na forma como esses catadores realizam as suas atividades laborais que é sempre bem cedo e todos os dias. *“Bom eu trabaio o dia todo, né. Eu trabaio das 4:00 da manhã até 6:00, 7:00 da noite.”*<sup>20</sup>

Percebe-se, a partir do relato do depoente, de que se trata de um trabalho árduo, cansativo e diário. Ele me disse que para catar o material reciclável, anda pela cidade inteira, utilizando o carrinho de tração animal, ele recolhe tudo, pet, lata, ferro, plástico e principalmente papelão. Segundo o senhor Antônio, por morar no bairro Nova Esperança, que fica na saída da cidade, próximo à BR 452, o carrinho de animal facilita o trabalho que não é só coletar. Depois de recolher e levar o material para a sua casa, a esposa e uma das filhas ajudam-no a separá-lo em bag e o armazenar.

Próximo a casa do senhor Antônio, encontrei a catadora Maria de Lourdes<sup>21</sup>, que também possui pouca escolaridade, só estudou até a 3ª série do ensino fundamental e a mais

---

<sup>18</sup> Jornal O Popular de Tupaciguara.

<sup>19</sup> Antônio Frutuoso da Silva. Catador. Entrevista realizada em 23/03/2010. Tupaciguara-MG.

<sup>20</sup> Idem.

<sup>21</sup> Maria de Lourdes Rômulo Pereira. Catador. Entrevista realizada em 25/03/2010. Tupaciguara-MG.

de 12 anos trabalha com material reciclável. Ela contou que antes era trabalhadora rural (bóia-fria) e que até foi empregada por uns tempos na fábrica de reciclagem, mas preferiu voltar para a informalidade, pois seu ganho é maior, ela faz seu horário de trabalho e não precisa seguir ordens de ninguém.

Já a dona Maria José<sup>22</sup>, que mora no Bairro Paineiras, tem 45 anos e estudou até a 2ª série do ensino fundamental, também foi bóia-fria e relatou que já fazia alguns anos que ela não trabalhava, mas que devido a doença do marido ela precisou procurar serviço e que em virtude da falta de estudo, não conseguiu emprego, diante de tal situação começou a catar pet para ajudar nas despesas da casa.

O trabalho familiar é um fator presente na vida desses catadores, para aumentar a renda muitas das vezes toda a família se envolve na coleta ou separação do material. Seja para complementar ou aumentar o ganho como é o caso do senhor Antônio e da dona Maria José ou como a principal e única fonte de renda usada para suprir as necessidades familiares como é o caso de dona Maria de Lurdes. O fato é que esses sujeitos buscam formas para burlar as dificuldades do cotidiano e sobreviver com dignidade.

Os lugares de coleta são diversos e a forma como eles vêm a sua função também. O senhor Antônio recolhe por toda a cidade e vê seu trabalho como uma benfeitoria para a população, uma forma de simbiose, que ele justifica pelo fato de ter pontos de coleta fixos: *“tem lojas, supermercados que guardam papelão pra mim. É o caso da Zema, Mais Você e tantas outras, que uma vez por semana me dão esse material.”*<sup>23</sup>

Percebe-se que o serviço prestado por ele beneficia algumas lojas que descartam materiais, no caso papelão, limpando seus depósitos e contribuem para o aumento da sua coleta, o que gera um benefício mútuo. Semelhante é o caso da dona Maria José:

Eu trabaio toda manhã, começo bem cedo antes da cinco da manhã que é pra recolhe antes do lixeiro e outros catadores passa. Depois volto pra casa pra fazer almoço e cuida do meu marido, daí lá pelas três da tarde, volto a recolhe, pois tem pessoas que guardam os pet pra mim, então vô busca.<sup>24</sup>

---

<sup>22</sup> Maria José da Silva. Catador. Entrevista realizada em 09/11/2009. Tupaciguara-MG

<sup>23</sup> Antônio Frutuoso da Silva. Catador. Entrevista realizada 23/03/2010. Tupaciguara-MG.

<sup>24</sup> Maria José da Silva. Catador. Entrevista realizada 09/11/2009. Tupaciguara-MG.



A necessidade em aumentar a renda fez com que a Maria José buscasse na reciclagem, meios dignos de ajudar sua família. No seu caso, ela recolhe garrafas pet em bairros próximo a sua casa e por conhecer bem alguns dos moradores, eles já separam e guardam o material para entregar para ela, potencializando a utilização do tempo de trabalho da catadora.

Percebemos nos dois casos acima mencionados que no dia a dia dos catadores podem desenvolver-se relações de confiança, respeito, cordialidade. São teias do cotidiano se ramificando por essa cidade repleta de tensões e conflitos, composta de sujeitos simples que buscam burlar as necessidades e dificuldades diárias.

Já dona Maria de Lourdes diz: *“nóis trabaia mais no lixão, lá pelo menos ninguém reclama e oia a gente com a cara feia.”*<sup>25</sup>

Segundo ela as pessoas não percebem nenhuma benfeitoria no serviço realizado por eles, pelo contrário reclamam que eles bagunçam o lixo e os chamam de vagabundos, dizem que deveriam é procurar por serviço ao invés de ficarem revirando o lixo. Afirma, em consonância com outras pessoas que trabalham diariamente no lixão, que prefere trabalhar lá porque não tem contato com a população, que na sua opinião, não vê a atividade desempenhada por ela como trabalho, completa: *“eles não trata a gente muito bem não, a gente fica mais excluído pelos canto, eles abusam da gente, faiz discaso de nós.”*<sup>26</sup>

O descaso, a exclusão e o abuso, não são somente da população que não respeita a coleta de recicláveis como trabalho, mas são também de familiares que sentem vergonha de terem membros de sua família vivendo do lixo. Até mesmo aqueles que ali trabalham se sentem envergonhadas quando abordadas para falarem sobre o assunto.

Foi o que aconteceu quando cheguei para falar com o senhor Antônio, fui recebida pela filha dele, uma moça de mais ou menos 30 anos, que o ajuda na separação do material reciclável recolhido diariamente. Ao convida lá para participar da entrevista, não quis, ficou envergonhada e acabou por me dizer que ela, pessoa simples, que mexe com lixo, não poderia contribuir para um trabalho de faculdade. Deixasse que o pai falasse, ela não queria e acabou se escondendo no fundo do quintal, próximo aos bag de onde ela, a mãe, os irmãos, um de nove anos, que estava também no momento da entrevista e outros dois entre 25/27anos e o pai tiram o sustento da família.

---

<sup>25</sup> Maria de Lourdes Rômulo Pereira. Catador. Entrevista realizada 25/03/2010. Tupaciguara-MG.

<sup>26</sup> Maria de Lourdes Rômulo Pereira. Catador. Entrevista realizada 25/03/2010. Tupaciguara-MG.

### CAPITULO III

#### A fábrica de reciclagem: face 2.

A fábrica de reciclagem Vegas Plastic faz parte do Grupo Prado, que é composto pelas empresas Butelão, Embrac, Koleta, Prado Reciclagem, Vegas Plastic e Vegas Embalagens. Tudo começou com a fundação da empresa Butelão na cidade de Uberlândia-MG em 1979, como objetivo inicial reciclar papel e plástico e depois seguindo a evolução dos tempos e o crescimento com o material reciclável se desdobrou em outras várias empresas também ligadas a reciclagem.<sup>27</sup>



Figura 3: Entrada da Fábrica de Reciclagem Vegas Plastic.

No que se refere à história de Tupaciguara (MG), de 2000 a 2005 pode se observar, dependendo da documentação consultada, tratar se de um período que marca a implantação de

---

<sup>27</sup> Dados retirados do site da empresa Butelão

um projeto que segundo autores deste documento, visou transformar a cidade até então considerada totalmente dependente da agricultura e pecuária em uma cidade com forte potencial industrial.<sup>28</sup>

Tal projeto já se baseava num debate antigo e não exclusivo de Tupaciguara, no qual relaciona o progresso industrial e a estagnação da agricultura, não que aqui estivesse estagnado, mas percebia-se a necessidade de não mais depender somente dela para manter a rentabilidade do município. Nesta perspectiva, além de propaganda para publicações que divulgavam as vantagens da cidade para a indústria, existiram também os oferecimentos de favores que se traduziram em isenção de impostos e doação de terrenos.<sup>29</sup>

Todo esse esforço visava estimular a implantação de empresas de pequeno e médio porte para o município tão carente de indústrias e principalmente de emprego. Sendo assim, era sempre possível ver em panfletos distribuídos pela administração da época, notícias como “Um novo tempo, surge em Tupaciguara...” e esse novo tempo seria o da industrialização, que junto com ela traria o desenvolvimento e o progresso para o município.

Instalada na cidade, a empresa Vegas Plastic através de entrevistas selecionou os “aptos” para ser admitidos. A dona Neuza, uma das mais antigas funcionárias contou que era muita gente, a fila era enorme e a esperança de ter um emprego também. Depois da seleção de dez mulheres, a fábrica começou a funcionar e ela nos conta que:

Depois de toda a euforia de ser escolhida e finalmente começar a trabaia, percebi que não ia ser muito fácil. Não existia transporte pra leva a gente pra trabaia, então a gente tinha que i de bicicleta ou a pé... é muito longe e o trabaio cansativo, então muitas desistiram. Além disso o material pra gente separa era lixo puro, tinha de tudo, resto de comida, material hospitalar... e o cheiro era insuportável.<sup>30</sup>

As dificuldades citadas pela dona Neuza, mostra o despreparo da cidade e da empresa para a nova situação que acabava de surgir. O emprego existia, mas faltavam meios

---

<sup>28</sup> Dados retirados de Atas da Prefeitura Municipal de Tupaciguara. Secretária de Indústria e Comércio. Gestão 2001/2004.

<sup>29</sup> Dados retirados de Atas da Prefeitura Municipal de Tupaciguara. Gestão 2001/2004. Segundo relatos, essa isenção de cinco anos, concedida não só a empresa Vegas Plastic, mas também foi concedida as demais 10 empresas que demonstraram interesse em se instalarem naquela época na cidade de Tupaciguara.

<sup>30</sup> Neuza Nogueira da Cruz. Trabalhadora da fábrica Vegas Plastic. Entrevista realizada 11/12/2009. Tupaciguara-MG.

adequados de transporte e também segurança na ida e vinda desses trabalhadores, já que segundo dona Emília:

Tínhamos que estar no emprego às 07:00 da manhã, por isso tínhamos que sair por volta das 6:15, 6:30 da manhã, andar na beira da rodovia e nesse horário é perigoso por causa dos caminhões que passavam pertinho da gente, quase arrastando a gente com bicicleta e tudo. E na volta era do mesmo jeito, na verdade era até mais difícil já que tava todo mundo cansado.<sup>31</sup>

As trabalhadoras Neuza e Emília descrevem dificuldades passadas por elas e todos os demais funcionários que estão na fábrica desde o começo. São pessoas que pelo emprego enfrentaram vários tipos de perigo e sofreram até privações, já que devido o mau cheiro antes relatado muitas não conseguiam nem mesmo se alimentar.

Na medida em que o tempo passou e os funcionários e a fábrica se estabilizaram, mudanças foram surgindo e os discursos também tiveram o seu foco alterado. A dona Neuza conta, que hoje os materiais comprados são pré-selecionados, raramente se encontra lixo hospitalar e o mau cheiro melhorou muito. Também existe transporte, porém as queixas são pela excessiva carga horária de trabalho, segundo dona Teresinha: “...são duas turmas, uma trabaia dia sim, outra dia não”.<sup>32</sup>

A escala é de 12 horas para cada turma de 10 mulheres, que trabalham dia sim, dia não, porém a maioria se queixa que não descansam nada, pois são dona de casa que na folga tem que cumprir os afazeres domésticos e principalmente por não terem finais de semana e nem feriados.

Questionadas sobre a divisão em duas turmas elas disseram que “o motivo é a falta de espaço dentro do barracão.”<sup>33</sup> Elas contam que seria complicado 20 mulheres disputando um espaço restrito, repleto de bag e somando a isso ainda tem o calor e barulho o que complica ainda mais a situação.

---

<sup>31</sup> Emília Bastos. Trabalhadora da Fábrica Vegas Plastic. Entrevista realizada 09/12/2009. Tupaciguara-MG.

<sup>32</sup> Teresinha de Paula da Silva. Trabalhadora da Fábrica Vegas Plastic. Entrevista realizada 23/02/2010. Tupaciguara-MG.

<sup>33</sup> Relato das trabalhadoras da Fábrica Vegas Plastic.



Figura 4: Imagem do barracão da Fábrica Vegas Plastic.

Como pode ser visto o barracão fica repleto de bag lotados de material para seleção, é difícil ver espaço entre eles e é nesse ambiente que elas têm que trabalhar, e trabalhar muito, já que elas segundo dona Teresinha precisam cumprir a meta de 600 quilos/dia.



Figura 5: Trabalhadoras da fábrica Vegas Plastic.

Na imagem acima podemos perceber que elas se aglomeram em um pequeno vão entre os bag, e nesse dia em especial elas estavam bem perto ao setor do moinho, onde o barulho é ensurdecedor, porém fica próximo a um portão que permanece aberto e faz o ar circular pelo local.

Pode ser visto também pela imagem acima que todas estão uniformizadas e utilizando aparelho de proteção para os ouvidos, máscaras e luvas. Confirmando o que foi dito por todas nos depoimentos recolhidos.



Figura 6: Trabalhador lançando material selecionado para o moinho.

Depois de separado e classificado, o material reciclável vai para outro setor da fábrica, onde os responsáveis são funcionários homens. Esse setor funciona dia e noite, com jornadas de trabalho de 10 horas diárias.<sup>34</sup>

O senhor Gerson explica que:

...na parte de baixo da fábrica é onde os plásticos, depois de selecionados, são triturados e preparados para se transformar no produto final que é o granulado. Esse granulado é empacotado e armazenado para ser vendido para fábricas que produzem mangueiras, sacolas e sacos de lixo, entre outros materiais.<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> Informações cedidas pelos trabalhadores da fábrica Vegas Plastic.

<sup>35</sup> Gerson Ferreira. Trabalhador da Fábrica Vegas Plastic. Entrevista realizada 19/11/2009. Tupaciguara-MG.

O processo descrito pelo senhor Gerson acima é muito peculiar, depois de selecionado o plástico é lavado em um tanque, triturado no moinho e derretido, formando um material chamado macarrão, então é cortado em pequenos pedaços e finalmente transforma-se no granulado.



Figura 7: Tanque para lavagem de material reciclável.





Figura 8: Moinho triturando plásticos para produção do macarrão.



Figura 9: Trabalhador produzindo o macarrão.



Figura 10: Resultado final, o granulado pronto e empacotado para venda.

Mesmo com todo esse diferencial de organização de trabalho entre o cotidiano dos trabalhadores da fábrica de reciclagem e os catadores, o preconceito é comum a ambos. Todos os funcionários da fábrica, disseram já ter vivido alguma forma de preconceito, seja através de críticas, rejeição ou nojo pelo fato de lidarem com lixo.

## Considerações finais

A realidade vivida por essas pessoas, que buscam diferentes meios de driblar o desemprego, a falta de qualificação, a muita ou pouca idade, é dura. Ouvir relatos que emocionam, angustiam, entristece ou alegram, mexem muito com todos os sentimentos possíveis de um ser humano. Tentei ser o mais imparcial possível, já que essa realidade faz parte do cotidiano dos trabalhadores escolhidos para participarem deste trabalho.

Por meio das observações em campo e pela análise das histórias de vida coletadas através de entrevistas confirmei que os catadores de rua e do lixão, são sujeitos de pouca escolaridade, as idades variam muito, pois se trata de um trabalho familiar, por isso pode-se encontrar idosos, jovem, adultos e crianças trabalhando.

Diversos materiais são coletados, porém o papel, plástico e as garrafas pet são os mais encontrados e por isso os mais recolhidos. A carga horária varia de trabalhador para trabalhador, cada um tem sua preferência, uns começam ainda de madrugada por volta das 04:00 horas da manhã, antes que outros catadores e o caminhão de lixo comesse a recolher o lixo.

Outros que possuem lugares fixos para recolher o material reciclável podem desfrutar de uma maior flexibilidade de horário. No caso dos catadores do lixão, o trabalho só começa depois que o caminhão que recolhe o lixo começa a descarregar no local e isso acontece por volta das 08:00 horas da manhã. Ambos não têm horário fixo para encerrar o trabalho, já que depois de um dia de coleta pela cidade ou lixão é preciso ser feito a seleção do material, que é armazenado nos bag para ser vendido.

A forma utilizada para coleta do material reciclável é diverso, alguns catadores possuem bicicletas, carrinhos com tração animal, outros usam sua própria força para mover carrinhos de mão ou transportam em sacos nas suas próprias costas. São quilos e quilos de materiais recicláveis recolhidos todos os dias, separados e aglomerados nos quintais, para serem vendidos geralmente a um atravessador<sup>36</sup> que paga um preço inferior a empresa Butelão de Uberlândia, porém essa pessoa compra pequenas quantidades e assim supre as necessidades desses catadores que não conseguem esperar juntar o suficiente para vender por um melhor preço.

---

<sup>36</sup> Pessoa que compra material reciclável já selecionado nos bag pelos catadores, e revende para empresas de reciclagem com o Butelão.

Questionados sobre a perda de dinheiro na negociação com o atravessador Adriano muitos disseram não se sentirem lesados e se mostraram gratos, pois para eles trata-se de um amigo que os socorre na necessidade e afirmaram que o valor pago por ele não é muito distante da remuneração do Butelão.

A necessidade de organização desses catadores é fato e acaba por se tornar uma forma de manipulação, já que muitas vezes essa necessidade de se ter um local apropriado para seleção e armazenagem desse material recolhido é utilizado como barganha política. Porém essa promessa não foi cumprida até os dias de hoje, e uma é necessidade justa e necessária.

No caso dos trabalhadores da fábrica, o cenário de desqualificação e falta de escolaridade também se faz presente, principalmente entre as mulheres que são responsáveis pela seleção de materiais recicláveis. Elas têm idades entre 35 e 50 anos, ensino fundamental incompleto e seus trabalhos anteriores foram bóias-frias, domésticas ou serviços gerais.

Todas afirmam gostar do que fazem e não apresentaram nenhum desejo de mudança de emprego, destacaram a segurança de se ter os direitos trabalhistas como carteira assinada, PIS, décimo terceiro, entre outros, como pontos positivos que as mantêm no trabalho, já que a grande maioria nunca tivera esses privilégios.

Já o setor do moinho, sob a responsabilidade dos homens, apresentam um contexto a parte, suas idades variam entre 20 e 45 anos, ensino médio ou superior como administração e psicologia, e todos frisam estar nessa função por falta de opção, e assim que surgir uma proposta de trabalho e maior remuneração vão trocar.

Percebe-se que a falta de escolaridade, somado ao despreparo, mais a idade avançada fazem com que as mulheres não almejem mudanças, elas se dizem satisfeitas, pois não vêem nenhuma possibilidade de melhora, e assim aceitam o que lhes é imposto, pois não querem voltar a ser domésticas e muito menos bóias-frias. Já os homens, consideram a sua atividade na fábrica como sendo temporária, almejam melhoras tanto no salário quanto nas funções que desempenham.

Constata-se que existem pontos em comum entre catadores e trabalhadores da fábrica. Ambos conseguem recursos financeiros a partir do aproveitamento econômico do lixo, têm jornadas de trabalho árduas e cansativas e são discriminados pela sociedade e familiares. Ao ouvi-los, vi palavras como dignidade, respeito, honestidade e sobrevivência ganharem vida e sentido. Percebi em cada depoimento, as angústias, os sonhos e desejos que marcam o cotidiano desses sujeitos, que buscam de forma digna burlar a falta de emprego e qualificação.

A exclusão/inclusão também faz parte da história de ambos. Os catadores se sentem incluídos por estarem trabalhando, ganhado dinheiro para o seu sustento e de sua família. Porém, na realidade eles continuam excluídos, seu trabalho informal não é reconhecido, eles continuam a margem da sociedade. Já os trabalhadores da fábrica que estão trabalhando formalmente, sentem-se excluídos pelo tratamento que recebem da sociedade.

Por isso, a palavra conscientização é fundamental para o desfecho desses dois termos tão importante exclusão/inclusão. Pois só conhecendo o trabalho desenvolvido por esses sujeitos que vivem/sobrevivem daquilo que a sociedade descarta no seu cotidiano é que eles terão o respeito que lhe é devido.

## Fontes

### 1- Fontes Orais

DEPOIMENTO COLHIDO PARA PESQUISA DE MONOGRAFIA

TEMA: FACES DE UMA MESMA MOEDA: CATADORES E TRABALHADORES DA FÁBRICA DE RECICLAGEM NA CIDADE DE TUPACIGUARA – MG.

ALUNA: LIDIANE VIANA SILVA

DEPOENTE: TEREZINHA DE PAULA DA SILVA

NASCIDA EM: RIO GRANDE DO NORTE

IDADE: 46 ANOS

DATA DO DEPOIMENTO: 23/02/2010

TRABALHADORA DA FÁBRICA DE RECICLAGEM

1- Responde para mim, qual o seu nome, sua idade e escolaridade?

É... Terezinha de Paula da Silva tenho 46 anos e estudei até a 4ª série.

2- O que você fazia antes de trabalhar na fábrica de reciclagem?

Eu trabalhava na prefeitura, na creche, cuidava de criança.

3-E você trabalhou na prefeitura por quanto tempo?

Por cinco anos.

4-Por que você saiu da prefeitura?

Porque eu não consegui passar no concurso, daí eu perdi o serviço.

5-Como é o trabalho desempenhado por você?

É bom, a gente separa os plásticos no bag... cada tipo tem um bag, que é pesado e mandado pro muinho, lá embaixo.

6- Você usa equipamento de proteção? Que tipo de equipamento é esse que você utiliza?

Usa luva, máscara, é abafador de ouvido pra proteger do barulho... né, avental, bota.

7- E você se sente protegida com esse tipo de material, com esses equipamentos? Você acha que é seguro?

Eu acho.

8- Qual é a sua jornada de trabalho?

São 12 horas.

9- 12 horas? Mas vocês lá trabalham por escala né? São divididas, duas turmas?

É são duas turmas, uma trabalha dia sim, outra dia não.

10- O que daria 12 horas por dia?

Isso, humrum.

11- Certo, e como você percebe a reação das pessoas em relação ao trabalho que você desenvolve?

Algumas criticam, outras querem trabalhar lá também, (risos) e assim vai.

12- Você já sofreu algum tipo de discriminação por trabalhar lá, com lixo? Alguém já falou alguma coisa do seu trabalho?

Humrum, já falou... mas depois deu explicar o que eu faço e como que eu faço, eles acabam querendo trabalhar comigo (risos).

13- Como você se sente desempenhado essa função? Você se sente bem?

Há... eu gosto. Eu sinto, me sinto muito bem.

14- E seu familiares, as pessoas próximas de você, amigos o que eles dizem sabendo como é o seu trabalho?

Eles dizem pra mim, uns falam que é pra eu sair de lá porque a gente trabalha muito, né. Mas eu não saio porque eu gosto do que eu faço... então continuo.

15- Tá, você não sai por que gosta realmente do seu trabalho, ou por que tem medo de não encontrar a estabilidade que você tem lá?

Não, eu gosto do que eu faço e é por isso que eu to lá. Porque se eu sair eu sei que vou encontrar outro.

16- Como é o relacionamento com os demais funcionários da fábrica? E com a outra turma?

Há são tudo companheiro, a gente dá muito certo. E com a outra turma também, a gente tem que se encontrar, mas quando se encontra, aí é bom.

17- São quantas mulheres lá trabalhando?

10 mulheres,... é no meu turno.

18- Como são dois?

É são 20 mulheres e mais uma faxineira.

19- O que você faz nas suas folgas?

Risos... Como eu tenho as minhas filhas que estão desempregadas, elas me ajudam muito, eu faço serviço do dia-dia, lavo, limpo casa...essas coisas.

20- E de lazer? O que você costuma fazer?

Há, eu saio muito pouco, vou na casa da minha filha, da família, na igreja que eu adoro... é isso.

21- Quanto que vocês recebem lá na fábrica?

O salário e tem o prêmio de 100 reais.

22- E esse prêmio como é que vocês conseguem?

A gente tem que alcançar uma meta que eles, a empresa, estipula e se a gente alcançar a meta recebe o prêmio.

23- Qual que é a meta?

Hoje ta,... como é que é, 600 quilos por dia, nossa meta de trabalho, né.

24- É fácil separar, conseguir separar 600 quilos por dia?

Risos... é até que a gente consegue, sabia?

25- Como é que esse material chega pra vocês? Você sabe de onde vem esse material? É daqui de Tupaciguara?

Eles vem no caminhão e a gente separa tudo direitinho. Não, não sei não... sinceramente não sei. Mas não é daqui não.



## DEPOIMENTO COLHIDO PARA PESQUISA DE MONOGRAFIA

TEMA: FACES DE UMA MESMA MOEDA: CATADORES E TRABALHADORES DA FÁBRICA DE RECICLAGEM NA CIDADE DE TUPACIGUARA – MG.

ALUNA: LIDIANE VIANA SILVA

DEPOENTE: ANTÔNIO FRUTUOSO DA SILVA

NASCIDO EM: JAQUAQUARA - BA

IDADE: 67 ANOS

DATA DO DEPOIMENTO: 23/03/2010

CATADOR

1- Qual o nome completo do senhor, sua idade e escolaridade?

Meu nome é Antônio Frutuoso da Silva, a minha idade é 67 ano e estudei 1ª e 2ª série.

2- Seu Antônio quantos anos tem que o senhor mexe com reciclagem?

Há, mais de cinco ano.

3- O senhor trabalha sozinho ou é um trabalho familiar, o senhor conta com a ajuda de alguém da família?

Tem ela minha filha, tem a mãe dela que me ajuda aqui a separa. Ela cata também garrafa, papelão... porque eu tenho a carroça e pra ela cata sozinha fica ruim.

4- Então acaba sendo um trabalho familiar, onde todo mundo ajuda, né. Qual é a jornada de trabalho do senhor? Quanto tempo o senhor trabalha por dia?

Bom, eu trabaio o dia todo, né. Eu trabaio das 4:00 da manhã até 6:00, 7:00 da noite.

5- Qual o tipo de material que o senhor mais recolhe, ou o senhor recolhe de tudo?

Eu recolho de tudo, é pet, é a lata, ferro né, é o plástico, o papelão... menos o papel branco né, o papel branco o pessoal não compra não.

6- O senhor trabalha final de semana, feriado?

É eu trabaio direto né, até dia de domingo eu trabaio.

7- O senhor usa algum material de proteção, tipo luvas, máscara?

Eu uso direto, eu tenho luva, tenho máscara, tenho tudo aí.

8- O senhor usa carrinho pra transportar?

É o carrinho de animal né, tem vez que recolho aqui por perto, mas eu pego do outro lado também.

9- O senhor recolhe na cidade inteira?

É na cidade inteira, só não vó no lixão.... que ali fede demais... eu não vó lá não.

10- O senhor tem algum lugar, pessoa ou loja que separa papelão, pet?

Tem as lojas que guarda pra mim, tem perto ali, o Mais Você que guarda papelão... né é isso aí.

11- O senhor vende pra quem esse material?

Oia eu vou te fala, eu vendo, eu vendia lá pro Butelão né, mas agora eutô vendendo aqui pro Adriano, aqui na cidade memo, aqui na cidade é bom né... pra fora é mio, dá mais dinheiro pra gente.

12- Quanto mais ou menos o senhor recebe por esse material?

É recebi baratinho né... atravessador só compra barato. É uma faxa de, eu vendo de 30 em 30 dias é 250reais... 300 que rende.

13- E o senhor tem noção de quantos quilos o senhor consegue recolher nesses 30 dias?

Papelão uns 2500 quilos.

14- É o que o senhor recolhe mais?

É o papelão, é o que tem mais, o plástico também, mas e que eu achar na rua eu cato tudo... não deixo nada na rua, faço uma limpeza na rua.

15- Como o senhor percebe a reação das pessoas com o trabalho que o senhor faz? Como o senhor vê, como elas agem com o senhor? Elas respeitam seu trabalho?

Quem? O pessoal da cidade?

É senhor Antônio, eles já trataram o senhor mal?

Tem vez que não gosta né, mas é uma coisa que a gente ta fazendo a limpeza, é bom pra eles, que não fica aí... parando tudo, que não fica água na rua né, que não fica vasilha cheia...porque eu pego os bag e viro tudo de boca pra baixo pra mode de mosquito né. Tem muitos que acham baum, mais é poucos que num acha, mas é uma limpeza que a gente ta fazendo.

16- E o senhor gosta do que faz?

É... eu gosto né, porque o...é o seguinte é melhor a gente trabaia de que fica aí sentado na frente de buteco né. Porque eu não fumo, eu não bebo né, eu não gosto de te vício nenhum. Eu fui nascido e criado trabaiano na roça, eu to na cidade mais trabaio.

17- O senhor é daqui mesmo de Tupaciguara?

Não, faiz muitos anos que eu moro aqui. Eu sou de Jaquaquara na Bahia... é tem muitos anos que eu moro aqui, o povo de Tupaciguara é tudo gente boa e nós é tudo brasileiro, tudo um povo só.

18- Quantas pessoas são na casa do senhor?

É seis.

19- Vocês sobrevivem só dessa renda da catação?

Não, os menino tem família, uns rolo né... e esse aqui estuda e também me ajuda também, a realidade é essa aí... e eu sou aposentado, mas as coisa ta muito cara, tem veis que não dá nem pra come. E tem que compra remédio aí o dinheiro não dá.

Agora aqui merecia te uma reciclagem pra gente que trabaia com isso. Pra gente pode vende pra fora e não precisa vende pra atravessador né, que ajudava a gente e ajudava a cidade também né. No tempo daquela moça, a Edilamar ela prometeu mais não cumpri né. Ela prometeu que ia faze uma reciclagem ali pra gente com depósito mais não cumpriu.

20- O senhor falou que vendia pro Butelão, por que o senhor deixou de vender pra eles?

Não tem veis que eu vendo né, pra eles... tem veis que eu vendo aqui memo pro Driano né. Porque aí a viagi fica menos, aqui mais perto né e também o Driano paga quase o memo preço do Butelão né... e ele é legal com a gente né, não vô fala mal dele que ele acerta direitinho né... e é só isso.

DEPOIMENTO COLHIDO PARA PESQUISA DE MONOGRAFIA

TEMA: FACES DE UMA MESMA MOEDA: CATADORES E TRABALHADORES DA FÁBRICA DE RECICLAGEM NA CIDADE DE TUPACIGUARA – MG.

ALUNA: LIDIANE VIANA SILVA

DEPOENTE: MARIA DE LOURDES RÔMULO PEREIRA

NASCIDA EM: SANTO ANTÔNIO DO GRAMA

IDADE: 48 ANOS

DATA DO DEPOIMENTO: 25/03/2010

CATADOR

1- Qual o seu nome completo, idade e escolaridade?

Maria de Lourdes Rômulo Pereira, eu tenho 48 anos e eu tenho 3ª série.

2- Há quanto tempo você trabalha com reciclagem?

Tem mais de 12 anos... é isso.

3- O que você fazia antes?

Eu sempre mexo mais com isso memo, já trabaei de bóia fria... muita coisa memo que eu tenho feito.

4- Você é daqui mesmo de Tupaciguara?

Não, eu so do Santo Antônio do Grama.

5- E tem muito tempo que você mora aqui?

Aqui tem muito tempo mesmo, que vê... eu tenho filho que veio lá dessa cidade lá com 1 ano e poquinho e já ta com 27 ao.

6- Você trabalha com reciclagem sozinha ou tem mais pessoas da sua família?

É eu e a minha família... é.

7- Quantos quilos vocês recolhem por mês?

Sempre quando manda carga de papel, essas coisas assim sempre dá é 1200quilos... 1500.

8-Que tipo de material vocês recolhem?

Tem garrafa... tem aqueles plástico mole, papelão essas coisas.

7- Vocês vendem na cidade mesmo ou é pra fora?

Lá pru Butelão.

8- Você tem noção do quanto isso deve render pra vocês?

Há não rende muita coisa não... não ...

9- Quanto que eles estão pagando por quilo?

Há és tava pagando vinte cinco centavos o quilo.

10- E qual é o material mais bem pago?

O mais bem pago é a garrafa né, o pet é o mais.

13- Qual é a jornada de trabalho?

Como assim?

14- O que vocês trabalham por dia, é quanto tempo?

Há isso aí é o dia todo né... começa 7 horas e vai até 8 horas da noite.

15- Vocês trabalham domingo, feriado?

É nus feriado nós discasa.

16- O que você faz nos dias de descanso?

Há aí nós lava ropa e mexe com essas coisinha.

17- E de lazer o que você faz?

Há isso aí por enquanto é nada né... meu passeio é só na igreja dia de domingo.

18- A renda familiar de vocês vem só da reciclagem?

Só... isso.

19- Vocês são quantas pessoas trabalhando com reciclagem?

Trabaiando aqui são 3 pessoas.

20- Vocês usam algum material de proteção?

Não... nada, nada.

21- Vocês catam na cidade inteira?

Nóis ta trabaiando mais no lixão.

22- Como você percebe as pessoas, como as pessoas vêm o seu trabalho? Como elas agem com você?

Há eles não trata a gente muito bem não viu, a gente fica mais excluído pelos canto...é eles abusa da gente...eles faiz um discaso de nós.

23- E as pessoas da sua família que não mexem com reciclagem, o que elas falam do seu trabalho?

Há eza fica nervosa né, fala pra gente para com isso, que não vai leva a gente pra frente.

24- Você gosta do seu trabalho?

Há...eu já custumei né.

25- Mas você já acostুমou ou você gosta?

É bom, é bom...eu já custumei com a narquia né (risos).

Lá é muita bagunça, mais a gente custuma com tudo né. É um jeito de vive né.

26- Como é o convívio com os vizinhos?

Os vizinhos são bons né...eles trata a gente mais bem que a família.

## DEPOIMENTO COLHIDO PARA PESQUISA DE MONOGRAFIA

TEMA: FACES DE UMA MESMA MOEDA: CATADORES E TRABALHADORES DA FÁBRICA DE RECICLAGEM NA CIDADE DE TUPACIGUARA – MG.

ALUNA: LIDIANE VIANA SILVA

DEPOENTE: NEUZA NOGUEIRA DA CRUZ

NASCIDA EM: TUPACIGUARA - MG

IDADE: 47 ANOS

DATA DO DEPOIMENTO: 11/12/2009

TRABALHADORA DA FABRICA DE RECICLAGEM

1- Nome, idade e escolaridade do entrevistado?

Neuza Nogueira da Cruz, tenho 47 anos e estudei até a 4ª série.

2- O que você fazia antes de trabalhar na fábrica de reciclagem?

Eu já trabalhei de várias coisas, desde criança eu trabalho para ajudar a minha mãe a cuidar dos meus irmãos. Então eu já trabalhei de várias coisas com bóia-fria, panhando algodão, café, catando raiz, depois de casada continuei trabalhando na roca como bóia-fria. Já trabalhei de lavadeira e antes de entrar na fábrica eu trabalhava de doméstica.

3- O que fez você deixar o trabalho de doméstica e ir trabalhar na fábrica?

Bem na fábrica eu ia ganhar o salário mais algumas gratificações como a cesta, o prêmio e principalmente é de carteira assinada, já de doméstica eles pagam menos que o salário e não assinam carteira.

4- Você gosta do trabalho que desempenha na fábrica?

Sim eu gosto...é cansativo, desgastante, quando eu entrei na fabrica não sabia como era o trabalho, então foi bem difícil ate organizar tudo e a gente aprende o serviço de separação dos plástico, não foi fácil mas agora já costumei.

5- Há quanto tempo você trabalha na fábrica?

Eu to lá desde que abriu...já faiz uns cinco anos.

6- Qual é a jornada de trabalho?

Atualmente são 12horas por dia, sendo que são duas turmas que revesam, uma trabalha um dia sim e descansa no outro e assim por diante. Antes trabalhava todo mundo junto à semana inteira e folgava no sábado e domingo, agora e direto de domingo a domingo a fábrica funciona nesse sistema de escala.

7- Você são quantas mulheres ao todo?

Hoje, nos somos 20 mulheres trabaiano na separação do plástico, sendo 10 mulheres em cada turma.

8- Você utiliza algum material de proteção?

Sim, eu uso luvas, máscara, bota, avental e abafador de ouvido para proteger do barulho.

9- Você sabe de onde vem o material que vocês separam?

Bem eu não sei direito, mas algumas vezes vem do Berlândia, na do Butelão e de outros lugares que eu não sei.

10- Como esse material chega pra vocês?

No começo vinha de tudo no meio dos plástico, era lixo de casa, de hospital, fedia muito. Depois foi melhorando, agora vem mesmo é os plásticos pra gente separa, quase não tem o grosso do lixo... melhora muito mesmo.

11- Como você percebe as pessoas em relação ao seu trabalho? Elas aceitam ou não?

Tem pessoas que aceitam, acham bom eu tá trabalhando lá de carteira assinada, tem um pouquinho de segurança, tem algumas que até que eu trabalhava lá também. Mais tem a maioria que pergunta como e que eu agüento trabalhava lá no lixão...e chamam lá de lixão, deve ser porque a gente separa os plástico que vem do lixo, né. Daí, eles fazem aquela cara de nojo, mais não e assim não, é só eles lá conhecer, mais eu prefiro trabalhava lá do que volta a trabalhava de doméstica, lava banheiro pro zotro... não quero não.

12- Você gosta do seu trabalho?

Há eu gosto, a gente precisa trabalhava e é como eu disse se não fô na fábrica, tem que ser de doméstica e eu prefiro na fábrica, já custumei com o serviço.

13- As pessoas próximas a você, o que acham?

Falam que eu trabalho demais, ficam com dó de mim, outras criticam chamam lá de lixão, querem que eu saia de lá, mais se eu sair vou trabalhar mesmo, então fico quieta lá.

DEPOIMENTO COLHIDO PARA PESQUISA DE MONOGRAFIA

TEMA: FACES DE UMA MESMA MOEDA: CATADORES E TRABALHADORES DA FÁBRICA DE RECICLAGEM NA CIDADE DE TUPACIGUARA – MG.

ALUNA: LIDIANE VIANA SILVA

DEPOENTE: EMILIA BASTOS

NASCIDA EM: SÃO PAULO

IDADE: 40 ANOS

DATA DO DEPOIMENTO: 09/12/2009

TRABALHADORA DA FABRICA DE RECICLAGEM

1- Nome, idade e escolaridade do entrevistado.

Emilia Bastos, tenho 40 anos e estudei até a 5ª série.

2- O que você fazia antes de trabalhar na fábrica?

Quando eu morava em São Paulo eu trabalhei em uma fábrica de material de limpeza, mas desde que vim morar em Tupaciguara sou dona de casa, só quando instalaram a fábrica é que resolvi mandar meu currículo e aí vim trabalhar aqui. Já faz uns três anos.

3- Qual a sua jornada de trabalho?

É atualmente somos duas turmas que revezamos 12 horas por dia, sendo que uma turma trabalha dia sim e no outro descansa enquanto a outra turma trabalha.

4- Você gosta do trabalho que desempenha na fábrica?

Sim eu gosto, é cansativo principalmente agora que trabalhamos 12 horas por dia, mas já acostumei pra mim também.

5- Você utiliza algum material de proteção no seu trabalho?

Sim eu uso luvas, abafador de ouvido, botas e máscara, esses materiais são obrigatórios na fábrica.

6- Você sabe de onde vem o material que vocês separam?

Não eu não sei, chegam de caminhão mas não sei de que lugar é esse material.

7- Como você percebe as pessoas em relação ao trabalho desempenhado por você, elas aceitam ou não?

Há elas são curiosas de como é o trabalho na fábrica, de como a gente faz, se fede, é porco, é difícil, daí eu tento explicar e umas querem trabalhar lá já a maioria diz que se fosse elas não tava lá não, que isso não é serviço e nem morta trabalhava lá não.

8- E você o que acha do seu trabalho?



Eu gosto como já disse eu custumei, não me importo com que falam pelo menos eu to  
trabaiando, ganhando meu dinheiro honestamente é isso.

9- E sua família o que acham?

Eles não dizem nada, acho que não se importam e se importam não comentam nada.

## DEPOIMENTO COLHIDO PARA PESQUISA DE MONOGRAFIA

TEMA: FACES DE UMA MESMA MOEDA: CATADORES E TRABALHADORES DA FÁBRICA DE RECICLAGEM NA CIDADE DE TUPACIGUARA – MG.

ALUNA: LIDIANE VIANA SILVA

DEPOENTE: MARIA JOSÉ DA SILVA

NASCIDA EM: TUPACIGUARA-MG

IDADE: 45 ANOS

DATA DO DEPOIMENTO: 09/11/2009

CATADORA

1- Nome, idade e escolaridade.

Maria José da Silva, tenho 45 anos e estudei até a 2ª série.

2- O que você fazia antes de trabalhar como catador de material reciclável?

Eu trabalhava de bóia-fria mas já faz muito tempo que eu não trabalhava, daí meu marido adoeceu e está encostado, como não tenho estudo e serviço aqui em Tupaciguara é difícil, eu comecei a cata pet pra ajuda na despesa de remédio e comida.

3- Qual é a sua jornada de trabalho?

Bem eu trabalho toda manhã, eu começo bem cedo, antes da cinco da manhã que é pra recolher antes do lixeiro e outros catadores passa. Depois volto pra casa pra fazer almoço e cuidar do meu marido, daí lá pelas três da tarde, eu volto a recolher pois tem pessoas que guardam os pet pra mim então eu vou buscar.

4- Você trabalha sozinha ou é um trabalho familiar?

Eu trabalho sozinha, recolho e deposito em casa, quando tenho uma quantidade boa, vendo esse material que não rende muito, mais ajuda.

5- Para quem você vende esse material? Qual é o preço pago?

Bem eu vendo pro Adriano, que é um atravessador que compra aqui na cidade.

Ele paga 0,25 centavos o quilo do pet.

6- Você sabe o que é feito com esse material depois que você o vende? Qual o destino desse material?

Eu acho que ele vende pra outra pessoa, mais pra onde e pra quem isso eu não sei não.

7- Qual é a quantidade de material que você consegue recolher por semana?

Bem eu consigo recolher bastante pet por dia, claro que tem dia que é mais e outro nem tanto, não sei exatamente a quantidade certa por semana, mais acho que uns 20, 30 quilos por semana.

8- Você utiliza algum material de proteção para recolher os pet?

Não, eu não uso nem um material de proteção.

9- Como você percebe as pessoas em relação ao trabalho desempenhado por você, elas aceitam ou não?

Há elas não gostam muito, dizem que a gente revira o lixo delas, faiz bagunça e por isso fazem cara feia, até xingam a gente, manda a gente i trabaia, porque revira lixo não é serviço e a gente ta sadio, tem que trabaia, como se a gente já não tivesse trabaiaando.

10- Você gosta do seu trabalho?

Bem eu tenho que ajuda em casa, como eu disse meu marido ta duente e o que ele ganha encostado não dá, então eu vô catando pet nas hora que da e cuidando dele que ta acamado. Se eu fô trabaia de outra coisa, eu vô te horário pra entra e pra sai daí como eu vô cuida dele, então a gente vai vivendo assim.

## DEPOIMENTO COLHIDO PARA PESQUISA DE MONOGRAFIA

TEMA: FACES DE UMA MESMA MOEDA: CATADORES E TRABALHADORES DA FÁBRICA DE RECICLAGEM NA CIDADE DE TUPACIGUARA – MG.

ALUNA: LIDIANE VIANA SILVA

DEPOENTE: GERSON FERREIRA

NASCIDA EM: TUPACIGUARA-MG

IDADE: 35 ANOS

DATA DO DEPOIMENTO: 19/11/2009

TRABALHADOR DA FÁBRICA

1- Nome, idade e escolaridade.

Gerson Ferreira, 35 anos e tenho o segundo grau completo.

2- Qual função você desempenhava antes de trabalhar na fábrica?

Bem eu trabalhei em diversos trabalhos até acabar trabalhando aqui, eu morava em São Paulo e cheguei a trabalhar em algumas fábricas lá, mas aí vim morar em Tupaciguara e consegui trabalho aqui, mas só vô ficar aqui até conseguir trabalho melhor.

3- Como é o trabalho desempenhado por você?

Eu trabalho na parte de baixo da fábrica, onde os plásticos depois de selecionados são triturados e preparados para se transformar no produto final que é o granulado. Esse granulado é empacotado e armazenado para ser vendido para fábricas que produzem mangueiras, sacolas e sacos de lixo entre outros materiais.

4- Você utiliza algum equipamento de proteção?

Sim, utilizo botas, máscaras e abafador de ouvido, pois no moinho o barulho é muito forte e sendo assim todos da fábrica usam.

5- Qual a sua jornada de trabalho?

Minha jornada de trabalho são 10 horas diárias, sendo que trabalho no período da noite.

6- Você gosta do seu trabalho?

Sim, eu gosto é um trabalho honesto, porém cansativo e mau remunerado. Trabalha-se muito e ganha-se pouco, mas como disse anteriormente eu to aqui só até conseguir um trabalho melhor. Tupaciguara é uma cidade boa pra se viver, mais é muito ruim de serviço.

7- O que você faz nos seus dias de folga?

Bem eu passeio com a família, vou pescar ou então fico em casa e tento descansar o máximo, pois o trabalho é puxado.

8- Como você percebe a reação das pessoas em relação ao trabalho desempenhado por você e ao local onde você trabalha?

Eu não me preocupo com isso, sei que muita gente fala mau daqui, chama de lixão, mas se elas conhecessem veriam que não é bem assim. O trabalho é cansativo, exige atenção, pois lidamos com máquinas perigosas e tirando o fator de ser mau remunerado, é um trabalho bom.

9- Você percebe algum tipo de preconceito em relação ao seu trabalho?

Há aqueles que criticam, mas como já disse não me preocupo com isso, pra mim esse trabalho é temporário e mesmo que eu fique por algum tempo é só aparecer um melhor que eu saio daqui.

10- Há quanto tempo você trabalha na fábrica?

Há um ano.

## DEPOIMENTO COLHIDO PARA PESQUISA DE MONOGRAFIA

TEMA: FACES DE UMA MESMA MOEDA: CATADORES E TRABALHADORES DA FÁBRICA DE RECICLAGEM NA CIDADE DE TUPACIGUARA – MG.

ALUNA: LIDIANE VIANA SILVA

DEPOENTE: ELISMAR MARTINS

NASCIDA EM: TUPACIGUARA-MG

IDADE: 49 ANOS

DATA DO DEPOIMENTO: 19/11/2009

TRABALHADOR DA FÁBRICA

1- Nome, idade e escolaridade?

Meu nome é Elismar Martins, tenho 49 anos e estudei até a oitava serie.

2- Qual função você desempenhava antes de trabalhar na fábrica de reciclagem?

Eu era mototaxista.

3- Como é o trabalho desempenhado por você?

Eu trabalho no moinho, depois que os plástico são separados eles vão pro moinho, que é onde a gente tritura pra depois vira granulado.

4- Você utiliza algum material de proteção?

Sim, eu uso botas, luvas, máscaras e abafador de ouvido.

5- Qual a sua jornada de trabalho?

São 10 horas diárias, antes eu trabalhava durante o dia, agora me transferiram pra noite, não gostei, mas preciso do trabalho.

6- O que você faz nos seus dias de folga?

Ainda trabalho de mototaxista pra aumenta a renda, já que aqui a gente ganha muito pouco.

7- Você gosta do seu trabalho?

Há eu gosto, mais se aparecer coisa melhor eu saio daqui.

8- Você percebe algum tipo de preconceito em relação ao seu trabalho?

Sim, as pessoas falam que o serviço aqui é porco, chamam de lixão, quando a gente ta com o uniforme da fábrica olham a gente de cara feia, até com um certo nojo. Mas eu não me importo e assim que aparecer outro serviço eu deixo esse.

2- Censo IBGE, 2000.

3- Mapa da cidade de Tupaciguara retirado da lista sabe do ano de 2010.

4- Fotografias da cidade e dos trabalhadores da fábrica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, A. A. Desigualdade e diferença: cultura e cidadania em tempos de globalização. *Paisagens paulistanas*. São Paulo, Campinas: Imprensa Oficial, Unicamp, 2000.
- ABREU, Maria de Fátima. *Do lixo à cidadania: estratégias para a ação*. Brasília: UNICEF/ Caixa Econômica Federal, 2001.
- MARTINS, Clitia Helena Backx. *Trabalhadores na reciclagem do lixo: dinâmicas econômicas, sócio-ambientais e políticas na perspectiva de empoderamento*. Porto Alegre: Ufgrs, 2003. (Tese de Doutorado, PPGS, Instituto Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS).
- WANDERLEY, M.B. Refletindo sobre a noção de exclusão. Em Sawaia, B. (Ed.) *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*, 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- SAWAIA, B. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*, 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 1999.
- VIANA, N. Catadores de lixo: renda familiar, consumo e trabalho precoce. *Revista Estudos da Universidade Católica de Goiás*. 27(3), 2000, p.407-691.
- MEDEIROS, L.F.R. *Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência?* Revista eletrônica Scielo. Psicol. Soc., Ago 2006, vol.18, nº2, p. 62-71. ISSN0102-7182. (Artigo da Universidade Católica de Goiás).
- BERENGUEL, Orlando Leonardo. *A experiência de trabalho de catadores de recicláveis dentro da dinâmica e gestão territorial de Bragança Paulista-SP*, 2008. (tese de mestrado UNICAMP).
- VIVEIROS, Mariana Vieira. *Coleta seletiva solidária: desafios no caminho da retórica à prática sustentável*. 2006. (tese de mestrado USP).
- DIAS, Alan Rodrigues. *Condições de vida, trajetórias e modos de “estar” e “ser” catador: estudo de trabalhadores que exercem atividade de coleta e venda de materiais recicláveis na cidade de Curitiba-PR*, 2002. (tese de mestrado USP).
- HISATUGO, Erika Yano. *Coleta seletiva e reciclagem como instrumentos para conservação ambiental: um estudo de caso em Uberlândia-MG*, 2006. (tese de mestrado UFU).
- SILVA, Ana Mágnã. *Trabalho, cotidiano e sobrevivência: “catadores de papel e seus modos de vida na cidade - Uberlândia - 1970-1999”*. SP, 2000. (tese de mestrado PUC-SP).
- \_\_\_\_\_. *Das sobras à indústria da reciclagem: a invenção do lixo na cidade - Uberlândia-MG 1980-2002*. SP, 2006. (tese de doutorado PUC-SP).

- FENELON, Déa R. Trabalho, Cultura e Investigação Social: perspectivas de investigação. Projeto História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: Brasil, 1981.
- BURKE, Peter. *A cultura popular na idade moderna*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Introdução à história*. Lisboa, Europa-América, 1976.
- THOMPSON, E. P. O termo ausente: experiência. *A miséria da teoria ou planetário de erros: crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.p.182.
- \_\_\_\_\_. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. *In: Projeto História*. n.14, São Paulo, Brasil, fev./1997.
- SAMUEL, Raphael. História local e história oral. *In: Revista Brasileira de História*, v.9, n.19, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, Set/1998/Fev/1990.
- SILVA, Ângela M. ET AL. **Guia para Normatização de Trabalhos Técnico-científicos: projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses**. Uberlândia: Edufu, 2005.